

# A USP, aos 80

Celso Lafer, presidente da FAPESP

A celebração dos 80 anos da USP é um bom momento para ir além das discussões de farol baixo sobre as suas dificuldades e refletir na perspectiva do farol alto sobre as suas realizações e do que representam para São Paulo e para o Brasil.

“O início é mais da metade e alcança o fim”, dizia Políbio. Por isso, vale a pena começar com algumas considerações sobre o projeto dos fundadores da USP, correlacionando-o com as circunstâncias históricas da sua origem. O contexto da década de 1930 trouxe a diminuição relativa do poder de São Paulo na República, a derrota paulista na Revolução de 1932 e ensejou a subseqüente acomodação política com Getúlio Vargas, que levou ao governo de São Paulo Armando de Salles Oliveira.

Foi Salles Oliveira quem criou a USP pelo Decreto nº 6.283, de 25/1/1934, inspirado pelas ideias de Julio de Mesquita Filho, que contou, na sua reflexão, com o apoio de um grande educador, Fernando de Azevedo.

O objetivo dos fundadores da USP foi o de responder ao desafio, para São Paulo, representado pela mudança da realidade brasileira. Partiram, com grande originalidade, da avaliação de que, só por meio de uma universidade, São Paulo poderia vir a ser um laboratório de investigação científica e um centro de alta e irradiante intelectualidade, que singularizaria o nosso estado no país. Foi o que, nestes termos, sublinhou o jornal *O Estado de S. Paulo* em 27/1/1934. Com efeito, cabia elevar a um nível universitário o que já tinha sido alcançado em São Paulo com suas faculdades, instituições de formação profissional e investigação científica, como dizia o considerando conclusivo do Decreto nº 6.283/34.

Nosso estado sempre atribuiu importância ao conhecimento como variável crítica do seu desenvolvimento. O Instituto Agrônomo de Campinas data de 1887. A Faculdade de Direito de 1827, a Politécnica de 1894, a Luiz de Queiroz de Agricultura de 1901, a de Medicina de 1913 e a primeira fase da de Farmácia e Odontologia de 1899. Todas se dedicavam à formação de profissionais e o componente de pesquisa era essencialmente o da pesquisa aplicada, como era o caso do Gabinete de Resistência dos Materiais da Poli, criado em 1899, que deu origem ao IPT.

A originalidade da USP foi ter ido além da justaposição de unidades preexistentes com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como núcleo irradiador que introduziu os chamados estudos desinteressados de ciência pura e da alta cultura, que tinham como objetivo aprofundar a investigação para aumentar o conhecimento e tornar possível sua eventual aplicação. O lema da USP, *Scientia vincet*, traduziu desde o seu momento fundacional, o DNA da clara percepção de que a geração de conhecimento pela pesquisa era indispensável para uma contínua atualização da transmissão do conhecimento pelo ensino e para a apropriada formação de especialistas e profissionais em todos os ramos do saber.

É esta “ideia a realizar” inerente ao projeto de concepção da USP que está na origem dos passos que a tornaram a grande universidade de pesquisa que é,

com um papel irradiador, para o país, do mérito e da qualidade como critérios norteadores da vida universitária.

Para o aprofundamento do DNA da pesquisa contribuíram os Fundos Universitários criados na USP em 1942 como parte do esforço de engajamento da sociedade brasileira na Segunda Guerra Mundial. Eles anteciparam o que é uma característica do mundo contemporâneo: a importância de lidar com a velocidade com que o conhecimento, tanto na modalidade de pesquisa básica quanto na das suas aplicações, altera numa dialética de complementaridade as condições de vida, tornando a capacitação científica e tecnológica uma variável crítica para uma sociedade ter condições de encaminhamento dos seus problemas.

A experiência dos Fundos levou pesquisadores e docentes universitários paulistas a encaminhar à Assembleia Constituinte estadual a proposta de criação de uma Fundação de Amparo à Pesquisa que deu origem ao art. 123 da Constituição estadual de 1947. Consagrou-se, assim, o pioneirismo de São Paulo no reconhecimento da importância da pesquisa, pois as instituições federais, CNPq e Capes, datam dos anos 1950. As atividades da FAPESP tiveram início em 1962 graças à visão do governador Carvalho Pinto, que contou, na sua implantação, com a liderança de quadros da USP, que formataram a instituição seguindo o lema de *Scientia vincet*, em todos os campos do saber. Ao longo dos anos, a FAPESP teve importante papel no financiamento de pesquisas na USP: em 2013, por exemplo, R\$ 517 milhões foram investidos pela Fundação na USP.

Foram também passos relevantes para a consolidação da USP como grande universidade de pesquisa: a ênfase no regime de dedicação integral de seus docentes na década de 1960, a consolidação da pós-graduação na de 70, a autonomia financeira na de 80, a criação da pró-reitoria de pesquisa com o estatuto de 1988.

O resultado é que a USP é atualmente responsável por 22,4% de toda a produção científica do Brasil. Somada à produção das duas outras universidades públicas estaduais paulistas, a Unicamp e a Unesp, criadas como emanção da USP, 38% da produção científica nacional deriva delas.

Em todos os *rankings* internacionais respeitáveis a USP sempre aparece como a primeira na América Latina e entre as melhores do mundo. Por exemplo, no *ranking* da QS (Quacquarelli Symonds), está na 132<sup>a</sup> posição, no da U.S. News Best Global Universities, em 77<sup>o</sup> lugar.

Quando se constata que entre as que estão acima dela nessas classificações a maioria tem história muito mais antiga, algumas com séculos de experiência acumulada, percebe-se que foi muito expressivo o que a USP conseguiu em seus 80 anos. Grande parte do valor agregado de conhecimento que distingue o estado de São Paulo no Brasil, na América Latina e no mundo decorre do que tem sido feito na USP.